

PHOÏNIX E A RENOVAÇÃO DA HISTORIOGRAFIA

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima*

Résumé

Cet travail a pour but de présenter une discussion historiographique sur les études de l'histoire ancienne grecque au Brésil.

O objetivo deste artigo consiste em apresentar uma análise da historiografia dedicada aos estudos de História Antiga Grega. Esta análise terá como base a produção dos historiadores dos centros de pesquisa situados na cidade do Rio de Janeiro ou próximos a esta cidade por meio de sua principal publicação: a *Revista Phoïnix*.

Este periódico anual, lançado em 1995, é a materialização do projeto de um grupo de professores e pesquisadores: o LHIA. O Laboratório de História Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi fundado em 1993 e um de seus principais objetivos era o de fomentar e de divulgar pesquisas em história antiga. Dois anos após sua fundação, foi elaborado o primeiro número da *Revista Phoïnix*, sob a liderança da Professora Doutora Neyde Theml, com o apoio dos professores e alunos da Área de História Antiga do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em seus nove números analisados, a *Revista Phoïnix* publicou artigos não só de historiadores. Arqueólogos, filósofos, filólogos e antropólogos também tiveram espaço para divulgar suas pesquisas. Isso quer dizer que é

* Professor doutor em História Social e Editor da Revista Eletrônica *Hélade* (www.heladeweb.net).

uma revista de história que se preocupa com a interdisciplinaridade, ou seja, o diálogo entre História e outras disciplinas. Além disso, os editores da revista aceitaram trabalhos sobre várias sociedades antigas, desta forma pudemos ter acesso às pesquisas dedicadas às sociedades orientais (Egito, Mesopotâmia, Índia) e estabelecer uma comparação entre distintas sociedades e diferentes experiências/ fenômenos na Antigüidade, desde a Idade do Bronze até o período da Antigüidade Tardia.

Publicar artigos de distintas áreas e de professores/pesquisadores de diferentes centros de estudos proporciona um estimulante palco de discussão, bem como de divulgação da produção sobre sociedades antigas no Brasil. A *Revista Phoênix* tornou-se uma publicação reconhecida, sendo distribuída para várias universidades brasileiras e bibliotecas estrangeiras. É um grande mérito também poder estabelecer um contato entre os estudantes de história e as recentes pesquisas de Antigüidade. Em nosso país, quando visitamos bibliotecas e livrarias encontramos obras bastante defasadas, não há uma preocupação das editoras universitárias e muito menos das editoras privadas em publicar dissertações ou teses recém-defendidas. Por intermédio da *Revista Phoênix* os estudantes e um público interessado têm acesso a uma produção de qualidade sendo desenvolvida nas universidades brasileiras.

Quando analisamos a produção de um centro de pesquisa, temos que verificar o seu perfil, o seu contexto, seus objetivos e também suas limitações. Nos anos sessenta do século passado, mais precisamente em 1964, Jean-Pierre Vernant criou o Centre Louis Gernet (VERNANT, 1996). Este grupo de pesquisadores possuía interesses comuns e adotou posturas teóricas e métodos afins para compreender a experiência do homem antigo. Como bem explicou Michel de Certeau (1995, 27), o *lugar social* torna possível certas pesquisas e outras impossíveis. É o lugar social que determinará um certo tipo de escrita da história, uma singular historiografia. Seguindo as palavras do historiador francês: "*É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.*" (DE CERTEAU, 1982, 66-67)

Todas estas questões apontadas acima nos estimularam a pensar a *Revista Phoênix* como a "materialização" da produção de um determinado grupo de pesquisadores. Assim sendo, o nosso interesse aqui consiste em "mapear" a historiografia dedicada aos estudos sobre a Antigüidade Grega.

Para tal, seguindo a orientação de Michel de Certeau, formulamos algumas questões que pretendemos responder: Quais são os temas/fenômenos estudados? Quais são os documentos privilegiados? Podemos traçar as abordagens adotadas por meio das escolhas teórico-metodológicas?

A partir de uma leitura atenta dos volumes da *Revista Phoênix*, podemos perceber que as temáticas estudadas são bastante variadas. Os trabalhos publicados, já no primeiro volume, dão o indício de que os historiadores procuram as margens, as fronteiras “*das grandes regiões exploradas*” (DE CERTEAU, 1995, 35). As pesquisas não se interessam por uma história global, como explica o historiador francês, “faz um desvio” em direção à mulher, à feitiçaria, à morte, à casa. E somente com estes dados já identificamos que a história política e a econômica terão menor expressão, em detrimento da história antropológica e cultural.

O contato com a Antropologia Social e com a Arqueologia é patente, não só pela escolha dos temas, bem como pelos documentos trabalhados. Por exemplo, ao analisarmos a pesquisa de Doutorado de Neyde Theml sobre a formação da realeza dos macedônios, perceberemos que a autora utilizou documentos textuais e também artefatos arqueológicos (THEML, 1997), além de estudar o ritual de fundação da referida sociedade (THEML, 1996). A autora não ficou satisfeita com as escassas referências textuais sobre a realeza dos macedônios, assim sendo, ela teve que partir para a análise dos vestígios arqueológicos (artefatos encontrados em tumbas na necrópole de Vergina). Verificamos tal propósito em suas próprias palavras: “*o nosso objeto de pesquisa nos compelia, mais ainda, por sua natureza, a este diálogo com a Arqueologia (...)*” E mais adiante Neyde Theml completa que “*não poderia deixar de lado nem a documentação arqueológica, nem as práticas e conhecimento dos arqueólogos.*” (THEML, 1997, 301-302)

O estudo de ritos dos Antigos Gregos é uma temática bastante recorrente na revista. Nela encontramos trabalhos sobre o matrimônio, sobre as festas e sobre a magia. Maria Regina Candido há vários anos dedica-se ao estudo da magia, principalmente em Atenas no V século a. C. Além da autora utilizar textos, como o do tragediógrafo Eurípides, com sua obra *Medeia* (CANDIDO, 1996), nota-se também a busca de outras “fontes”, entre elas destacamos os *defixiones*, as finas lâminas de chumbo onde eram gravadas as imprecações (CANDIDO, 2000). Estas lâminas foram recuperadas pelos arqueólogos em sepulturas no cemitério do Cerâmico e em poços d’água na *agorá* de Atenas.

Ritos e mitos são temáticas recorrentes entre os historiadores brasileiros, isto se deve também pela clara aceitação da historiografia francesa, ou melhor, *vernantiana*, nas bibliografias dos artigos. Jean-Pierre Vernant, em várias de suas obras, adotou o método estruturalista na análise de relatos míticos. No estudo do mito hesiódico das raças, por exemplo, ele utilizou o sistema de tripartição funcional de G. Dumézil (VERNANT, 1990, 46). Os discípulos de Vernant e de Marcel Detienne seguiram a abordagem estruturalista. Françoise Frontisi-Ducroux, por exemplo, analisou o emprego do termo *dédalos* em vários textos (1975), procurando sempre o significado empregado e os outros termos a ele relacionados. No caso dos trabalhos publicados na *Phoînix*, podemos destacar o de Denise M. Del Peloso (1999). Em sua pesquisa de Mestrado (2002), a autora adotou o método estruturalista para compreender os aspectos *variantes* e *invariantes* nos relatos sobre o guerreiro Actéon e fez a ponte entre mito (do caçador transformado em cervo) e rito (a caça). Da análise do mito ao ritual, fica clara a herança da abordagem estruturalista francesa, tendo como maior expoente Jean-Pierre Vernant. O casamento entre o método estruturalista e a Antropologia mostrou-se fecundo e promissor, tendo seus adeptos também aqui no Brasil.

O contato entre História, Antropologia Social e Arqueologia fomentou estudos sobre hospitalidade e festas durante o período *políade* (VIII ao IV séculos a. C.). A *xenia* (hospitalidade) era um rito de grande relevância para os antigos gregos. Desde o VIII século a. C., quando os helenos fundaram suas *poleis*, houve a necessidade de entrar em contato com o Outro, com o estrangeiro. E este contato poderia ser efetuado a partir de duas práticas: a do comércio ou durante o processo de colonização. É justamente a colonização de Massalia que interessou Adriene Baron Tacla. Esta autora procurou compreender os contatos entre gregos (colonizadores) e tribos celtas (a de Vix, no leste da França e a de Hochdorf, sudoeste da Alemanha). (TACLA, 2001, 33) Tais contatos puderam ser constatados pelos artefatos encontrados (vasos de banquete) indicando “*uma política de contatos diplomáticos dessas tribos com a pólis dos massaliotas, alicerçada na hospitalidade e na oferta de prestações.*” (TACLA, 2002, 124) Na mesma ocasião em que Adriene Tacla investigava os contatos entre massaliotas e celtas, nós estudávamos a hospitalidade em Corinto e as trocas entre coríntios e etruscos. Os vasos de banquete, principalmente a cratera, não eram artefatos estimados somente pelos celtas, os *princeps* etruscos foram os principais apreciadores das crateras coríntias (LIMA, 2001, 55). Em suas tumbas,

os arqueólogos encontraram não só cerâmica coríntia e ática, bem como afrescos contendo cenas de banquete e de *kômos* (procissão catártica) recuperando o estilo grego. Em nossa pesquisa de doutorado, analisamos o ritual da prostituição sagrada na *pólis* dos coríntios (LIMA, 2003, 16). Por intermédio de tal ritual, os estrangeiros e comerciantes que passavam pelo Istmo eram recebidos pelas “jovens muito hospitaleiras”, ou seja, pelas prostitutas a serviço de Afrodite. Hospitalidade e prostituição sagrada propiciavam a entrada e a aceitação do estrangeiro em uma comunidade helena.

Outro tema que podemos vincular ao diálogo entre historiadores e arqueólogos é o do espaço rural. André Leonardo Chevitarese dedica-se há vários anos ao estudo da *chôra* (espaço rural) da região da Ática. Em um de seus trabalhos, o autor analisa a prática da pesca tendo a preocupação de cruzar as informações advindas da documentação textual com as da documentação arqueológica (1996, 62). As imagens na cerâmica ática de figuras vermelhas contendo cenas de pesca, caça, colheita de frutas e apisoamento das uvas foram criteriosamente estudadas e catalogadas (CHEVITARESE, 2001). Este estudo estimulou outras pesquisas sobre o espaço rural. Podemos apontar a de Ana Lívia Bomfim Vieira, cujo objetivo consistiu em investigar o saber camponês, as metáforas relativas ao campo e a prática da agricultura nas tragédias esquilianas (2000). De acordo com a autora, a concepção ateniense sobre o mundo rural irá mudar ao longo do V século; até Ésquilo, o campo e as atividades nele praticadas eram valorizados, entretanto a partir de Eurípides (segunda metade do V século a. C.) o campo perde espaço para as referências às atividades urbanas (VIEIRA, 2002, 176). Percebemos então que os estudos de André Chevitarese despertaram o interesse dos pesquisadores brasileiros pelos temas relacionados à agricultura e mais especificamente ao questionamento da tese do historiador inglês Moses Finley sobre a economia antiga.¹

O estudo das imagens na cerâmica grega sempre teve um destaque considerável nos trabalhos publicados na *Revista Phoênix*. Há pouco falávamos das cenas de práticas rurais (CHEVITARESE, 2003). Além delas outras temáticas também foram apreciadas. Destacamos os estudos sobre cenas de guerra nos vasos lacônios (DE MOURA, 2002) e as imagens de mulheres (LESSA, 1998). Ao trabalhar com imagens pintadas em vasos gregos, os pesquisadores tiveram a necessidade de consultar os livros do *Corpus Vasorum Antiquorum* (CVA) em bibliotecas estrangeiras. Além disso, montaram um *corpus* documental (imagético) e extraíram informações

deste tipo singular de “fonte” por meio de um método. Quando estudamos as imagens de *sympósion* e *kômos*, tanto na cerâmica ática de figuras vermelhas quanto na cerâmica coríntia do período arcaico, utilizamos métodos advindos da semiótica (LIMA, 2000). Uma metodologia adequada se faz necessário, pois as imagens pintadas pelos artesãos helenos não são “reflexo” do real, pelo contrário, a pintura representa a concepção do artesão sobre um dado fenômeno. As cenas pintadas pelos pintores são construções do “imaginário social” e sua relação com a *pólis* é de ordem simbólica. As imagens são um “espetáculo social”, elas colocam em cena um conjunto de valores que são aqueles da *pólis* e pode ser, em uma certa medida, a expressão das tensões, das mudanças as quais afetam a comunidade (PANTEL, 1983, 19-20). Somente por meio de um método de análise o historiador conseguirá compreender a mensagem transmitida pelo *demiourgós*.²

Retomando a questão sobre os temas e objetos abordados nos estudos publicados na *Phoînix*, percebemos que as pesquisas não se concentram mais em tentar construir modelos explicativos globais, bastante recorrentes na história social. Procurou-se o desvio em direção a outras questões, uma delas foi a atuação da mulher bem-nascida em Atenas no V século a. C. Fabio de Souza Lessa partiu de uma questão inquietante: a mulher ateniense poderia ser compreendida por meio dos documentos escritos por homens? O modelo de mulher *mélissa* poderia ser aceito e seguido? A partir destas interrogações, o autor construiu suas hipóteses de trabalho sempre investigando um universo documental bem mais rico, ou seja, não só os documentos textuais (escritos por homens), bem como documentação arqueológica. O referencial teórico baseado nos conceitos oriundos da *História de Gênero* contribui para uma nova e rica interpretação sobre o espaço e a atuação das mulheres atenienses no período clássico (LESSA, 2001). Marta Mega de Andrade, em vários trabalhos publicados na *Phoînix*, contribuiu também para um novo enfoque sobre a questão do espaço, do cotidiano e das esferas de atuação da mulher em Atenas Clássica. Até mesmo na esfera política, a astúcia feminina em tecer fios múltiplos para assim assegurar a unidade da *pólis*. “Arte feminina, de misturar os fios diferentes em um cesto, fazendo deles uma só bola, e, dos fios entrelaçados e misturados, cobrir o demos.” (DEANDRADE, 1998, 398)

Até aqui tratamos dos temas, documentos e métodos adotados no grupo em torno da *Revista Phoînix*. Contudo, uma pesquisa deve adotar um referencial teórico para assim construir um modelo explicativo. De acordo

com nossa análise, os trabalhos publicados na revista demonstram uma liberdade de escolha de autores teóricos. Isso quer dizer que cada autor procurou, de acordo com a especificidade de seu objeto de pesquisa, autores e conceitos teóricos adequados a sua realidade. Do conceito de *cidade-consumidora* de Max Weber, ao de *carnaval* de Mikhail Bakhtin, das noções de rito em A. Van Genepp e em Claude Lévi-Strauss, à noção de cotidiano em Michel de Certeau. Não há um direcionamento teórico único nos trabalhos analisados e nem uma única abordagem historiográfica privilegiada. Aos pesquisadores do grupo ficou sempre aberto o direito de escolha. Uma “ditadura teórica” sempre foi rejeitada e isso pode ser facilmente comprovado nos artigos publicados na revista e nas dissertações de mestrado e nas teses de doutorado defendidas pelos autores anteriormente citados. A liberdade intelectual, materializada no direito de escolher os conceitos e os teóricos que nortearão a pesquisa, solidifica cada vez mais a historiografia brasileira dedicada aos estudos sobre a Grécia Antiga.

É evidente que nesta historiografia podemos identificar pontos em comum: métodos, temas e abordagens. A produção de um grupo pode ser mapeada justamente por meio de suas escolhas. Daí verificarmos que a história política, por exemplo, foi uma vertente pouco explorada. O contato com a Antropologia Social promoveu um acentuado interesse pelos rituais e práticas sociais, bem como o diálogo com a Semiótica contribuiu para uma nova e instigante interpretação de distintos tipos de documentação (textos e imagens). O desgaste da História Social estimulou os historiadores a se debruçarem sobre questões até então inexploradas. A história social interessava-se por questões “macro-históricas” ou “macrossociais” (Estado, mercado, classes sociais), dando pouco espaço em suas reflexões para as mulheres, grupos sociais marginalizados e minorias étnicas (IGGERS, 1995, 60-61). A partir, principalmente, dos anos 70, a mulher, a sexualidade, o cotidiano, a hospitalidade, serão temáticas desenvolvidas por uma historiografia que travou com os estruturalistas franceses, arqueólogos e antropólogos um longo e profícuo debate. Para finalizar nossa breve discussão, lembremos a noção de *lugar social*, idealizada por Michel de Certeau: por meio deste lugar são instaurados os métodos, as questões a serem respondidas e os documentos estudados. “(...) *Tal é a dupla função do lugar. Ele torna possíveis certas pesquisas em função de conjunturas e problemáticas comuns. Mas torna outras impossíveis; exclui do discurso aquilo que é sua condição num momento dado; representa o papel de uma censura com relação*

aos postulados presentes (sociais, econômicos, políticos) na análise.” (DE CERTEAU, 1982, 76-77) O pioneirismo do grupo da *Revista Phoênix* possibilitou uma renovação significativa nos estudos dedicados às sociedades helenas no Brasil. Sempre combatentes, os pesquisadores e autores da *Phoênix* mostraram que é possível realizar História Antiga no Brasil com qualidade e criatividade.

Notas

¹ Moses Finley em sua obra *A Economia Antiga* renovou o campo de estudos sobre a economia greco-romana. Nos últimos anos, suas hipóteses estão sendo revisadas e criticadas, sobre isso podemos apontar dois estudos de pesquisadores do grupo do LHIA e da *Phoênix*: CHEVITARESE, A. L. *O Espaço Rural da Pólis Grega: o Caso Ateniense no Período Clássico*. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros, 2001; THEML, N. O fabricante de flauta na pólis dos atenienses. *Phoênix*, 8, 2002, pp. 279-280.

² Joly, M. *Introdução à Análise da Imagem*. Campinas: Papyrus, 1996, p. 39. Martine Joly propõe a análise semiótica das *imagens*, tanto lingüísticas quanto pictóricas. “Se ela [a imagem] parece é porque ela não é a própria coisa: sua função é, portanto, evocar, querer dizer outra coisa que não ela própria, utilizando o processo de semelhança. Se a imagem é percebida como representação, isso quer dizer que a imagem é percebida como signo.”

Bibliografia

- CANDIDO, M.R. Medeia: Ritos e Magia. *Phoênix*, 2, 1996, 229-234.
- _____. Atenas: Magia, Maldição e Morte. *Phoênix*, 6, 2000, 239-245.
- CHEVITARESE, A.L. A Pesca na Pólis Ateniense no Período Clássico. *Phoênix*, 2, 1996, 57-69.
- _____. *O Espaço Rural da Pólis Grega: o Caso Ateniense no Período Clássico*. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros, 2001.
- _____. A Caça na Pólis Ateniense nos Períodos Arcaico e Clássico. *Phoênix*, 8, 2002, 24-48.
- DE ANDRADE, M.M. Os ‘Usos’ do Feminino. Ou da participação da Mulher na Pólis dos Atenienses no Período Clássico. *Phoênix*, 4, 1998, 389-401.
- DE CERTEAU, M. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982 (1975).

- _____. A Operação Histórica. In: LE GOFF, J. e NORA, P. *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995 (1974).
- DEL PELOSO, D.M As Manifestações Ideológicas da Caça em Atenas nos V e IV Séculos a. C. *Phoînix*, 5, 1999, 121-137.
- _____. Actéon: Quando a Caça é Transgressão. Atenas, V Século a. C. In: THEML, N. (org.) *Linguagens e Formas de Poder na Antigüidade*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2002.
- DE MOURA, J.F. Emergência e Colapso da Produção de Vasos Lacônios Figurados. Iconografia, Comércio e Política na Esparta do Século VI a. C. *Phoînix*, 9, 2003, 158-195.
- FRONTISI-DUCROUX, F. *Mythologie de L'Artisan en Grèce Ancienne*. Paris: La Découverte. 2000 (1975).
- IGGERS, G. *La Ciencia Histórica en el Siglo XX: las Tendencias Actuales*. Trad. Clemens Bieg. Barcelona: Editorial Labor, 1995.
- LESSA, F.S. Comportamento Feminino e Vida Cotidiana no Gineceu. *Phoînix*, 4, 1998, 181-193.
- _____. *Mulheres de Atenas: Melissa do Gineceu à Agorá*. Rio de Janeiro: LHIA/UFRJ, 2001.
- LIMA, A.C.C. *Cultura Popular em Atenas no V Século a. C.* Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000.
- _____. Contatos entre Coríntios e Etruscos: Uma Leitura da 'Ólpe de Chigi'. *Phoînix*, 7, 2001, 49-59.
- _____. O Ritual da Prostituição Sagrada e a Economia em Corinto Arcaica. *Phoînix*, 9, 2003, 15-24.
- PANTEL, P.S. et THELAMON, F. Image et Histoire: Illustration ou Document. In: *Image et Céramique Grecque*. Actes du Colloque de Rouen 25 - 26 novembre 1982. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1983.
- TACLA, A.B. Hospitalidade e a Política da Comensalidade nas Tribos de Vix Hochdorf. *Phoînix*, 7, 2001, 21-48.
- _____. Diplomacia e Hospitalidade – Um Estudo dos Contatos entre Massália e as Tribos de Vix e Hochdorf. In: THEML, N. (org.) *Linguagens e Formas de Poder na Antigüidade*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2002.
- THEML, N. Relatos de Fundação das Realezas dos Macedônios. *Phoînix*, 2, 1996, 245-258.

- _____ História e Arqueologia: a Formação da Realeza dos Macedônios. *Phoînix*, 3, 1997, 301-320.
- VERNANT, J.-P. *Entre Mythe et Politique*. Paris: Éditions du Seuil, 1996.
- VIEIRA, A.L.B. Ésquilo e o seu Mundo Rural. *Phoînix*, 6, 2000, 44-50.
- _____ Pólis, Phýsis e Chôra: o Quinto Século Ateniense. In: THEML, N. (org.) *Linguagens e Formas de Poder na Antigüidade*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2002.